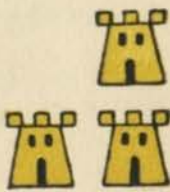


Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

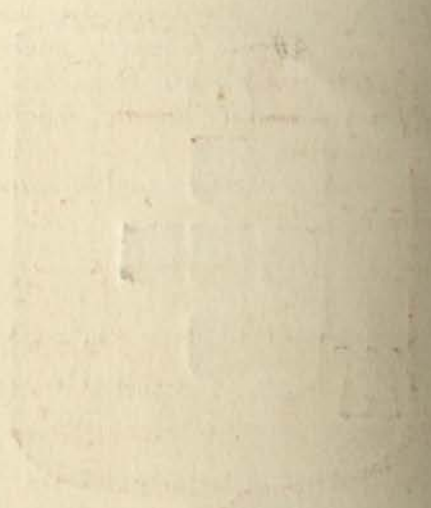
PARIS

EMPREZA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"

Chronique de l'année

1788



1789

1790

1791

1792

1793

1794

1795

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adeantado	Anno	Fr. 14
	Semestre	7.50
	Numero avulso	0.30

SUMMARIO :

De como os paradoxos dos monarchicos se fazem realidades republicanas : o snr. Affonso Costa no poder — e nas Finanças.

Onde se prova que a Republica tem ido sempre a direito.

Primeiro decreto do snr. Affonso Costa, primeira asneira : a composição do ministerio.

De como o regimen vacilla entre dois generos de morte.

Breves reflexões sobre o "santo varão".

QUANDO em tempo da Monarchia, nas cavaqueiras de redacção ou pelos Passos Perdidos, se imaginavam em tom de *blague* futuros ministerios republicanos, surgiam, por exemplo, ideias d'estas : « O França Borges para a Instrucção Publica »... — « Para a Justiça, acudia outro, o *Petiz das Gravatas*. » (O *Petiz das Gravatas*, se o leitor bem se lembra, era um dos mais brilhantes ornamentos do Bairro Alto, frequentador fervoroso dos comicios revolucionarios, tanto como da Boa-Hora, e que depois da Republica desapareceu, sendo provavel que a esta data se encontre, sob outro nome, director geral d'alguma secretaria do Estado.) E para rematar esta especie d'*argumentação por absurdo*, sempre alguma voz, de lado, acabava por lembrar :

— E o Affonso Costa na Fazenda...

Com o que cada um se apartava para ir á sua vida, rindo n'um ar de bonhomia, e como que a dizer aos seus botões :

— Que rosario de disparates !...

Pois ahi o teem, na Fazenda ! Entregou-lh'a n'um abrir e fechar d'olhos, com a Presidencia do Conselho,

o « venerando chefe do Estado », como quem sem hesitar confiase um sacco d'oiro em pó a um... ao... emfim, ao snr. Affonso Costa. E agora se comprehende que o snr. Manuel d'Arriaga nem insista pela amnistia, nem se deite abaixo da burra. E' que o « santo varão » e « honrado patriota » continúa aguardando impassivel, como em outubro ultimo, que os presos politicos « *com provas evidentes sejam obrigados a reconhecer que nunca o erario publico esteve mais zelosamente fiscalizado e defendido do que no actual regimen* »...

Força é no entanto reconhecer que o episodio que acaba de passar-se, e que por amor das formulas se chama *resolução da crise ministerial*, foi como devia ser e seguiu os seus tramites normaes. Ha mais d'um mez a CHRONICA, registando a noticia de que o ministerio Duarte Leite se encontrava á beira da demissão, escrevia textualmente: « E' crível que a nova sucia dirigente pertença, mais volta menos volta, áquella quadrilha de fórmias exteriormente politicas que o snr. Affonso Costa capitaneia e que é, como se sabe, o proprio *triple extrait* da infima demagogia nacional. »

E' que a CHRONICA sabe que a Historia tem uma logica, a qual desenha os traços geraes da vida dos povos e das instituições — e que as suas rigidas leis subjugam, como um collete de forças, até mesmo os regimens como a Republica portugueza, cuja marcha parece o caprichoso e allucinado errar d'uma turbamulta de doidos atravez d'um campo sem limites, sem trilhos e sem pontos de referencia...

« Parece » ; mas não é. Na realidade, o desenrolar do quadro historico que o mundo vae vendo apparecer deante dos seus olhos ha vinte e sete mezes constitue, ao invez d'isso, um modelo de coherencia, de precisão e de firmeza.

Cada passo que a Republica esboça na escura vastidão d'aquelle atoleiro em que nasceu e em que se debate, por mais que se afigure incerto e tacteante, pelo contrario resulta fatalmente do que o antecedeu e ineluctavelmente condiciona aquelle que vae seguir-se. Qualquer mediocre estudioso d'esta espe-

cie de phenomenos poderia ter traçado *a priori*, sobre uma folha de papel branco, este attribulado e, apparentemente, phantasioso itinerario das nossas hordas jacobinas. De resto, elle está conhecido e explorado desde ha seculos; tem-no *invariavelmente* seguido, desde as origens da sociedade, todos os regimens demagogicos e, como taes, inadaptaveis e inviaveis. E' curto, e não tem senão uma sahida, onde todos vão inexoravelmente mergulhar : chama-se a *porta da morte*. Nunca encontrou mais segura applicação o velho proloquio portuguez : *Deus escreve direito por linhas tortas*.



Eu vou tentar explicar-me.

O triumpho do snr. Affonso Costa é na realidade um triumpho do seu instincto; o erro do snr. Antonio J. d'Almeida é um erro d'intelligencia, que lhe acarretou a derrota.

O snr. Antonio José d'Almeida é pelo seu temperamento e pela sua mentalidade um radical jacobino, tão insensato e tão desaustinado como o snr. Affonso Costa. Porventura menos perverso por indole do que este ultimo, o seu estreito sectarismo iguala-o a elle, na pratica, em ferocidade. Se o snr. Almeida se tem abandonado sem constrangimento a este seu character natural, mantendo na politica republicana o feitio demagogico que se lhe conhecia da opposição e do governo provisorio, as suas probabilidades de exito seriam pelo menos iguaes ás de energumeno que occupa hoje a Presidencia do Conselho.

Mas o snr. Almeida preferiu afivellar-se dentro da politica republicana a mascara de conservador. Rigorosamente falando — *jogou no conservantismo*. Este jogo seria habil e mais do que isso, seria seguro em Portugal, se a Republica estivesse em relações com o paiz, se o espelhasse, se não fosse dentro d'elle uma coisa apárte, um corpo estranho e inassimilavel, se pudesse ir buscar alimento, seiva, vida, ás

correntes da opinião nacional — com as quaes, pelo contrario, não tem communicação d'especie alguma.

Imaginemos um individuo, que chegado ao meio d'um ridente laranjal cravasse no chão o seu cajado, e começasse logo a desdobrar a saccola onde havia de recolher os pomos d'ouro... esquecendo apenas que para os ter seria necessario, em primeiro logar, que o seu bordão fosse de laranjeira, e depois que estivesse em communhão com a terra pelos tentaculos insinuantes e profundos das suas mil raizes...

O snr. Antonio J. d'Almeida foi este homem. Elle não viu que o paiz — conservador, sim — não alimenta a Republica com os seus sentimentos e com o seu espirito ; que o paiz é uma coisa e a Republica é outra ; que esta se encontra para com aquelle como a estaca espetada n'um areal. Não viu que a Republica — alheia, de resto, ás naturaes tendencias e necessidades politicas da nação — não podia ser senão o monstro ensanguentado e ululante que elle, Antonio J. d'Almeida, com os seus companheiros de propaganda, tinha concebido na opposição, e carinhosamente amamentára e encaminhára, tal qual é, nos tempos ignominiosos do governo provisorio. Não viu que o regimen, vindo d'onde veio e como veio, tem que ser demagogico, e que tudo quanto estiver fóra da demagogia está fóra da Republica.

D'ahi a sua *falsa-manobra*.

Ora o Snr. Affonso Costa tambem não viu nada d'isto, porque não ha na politica ninguem menos capaz de vêr, ou de prevêr. O que elle fez foi *ir andando*, sem indagar para onde, meramente ao sabor dos seus instinctos de criminoso, do seu espirito vandalico, rancoroso e cruel, da sua quasi inconsciente, mas imperiosa, necessidade de vingança contra uma sociedade na qual entrou, ao que dizem, pela porta da sacristia, e que sempre o teve ao largo e de quarentena por serem os seus habitos, os seus sentimentos e os seus processos inteiramente desconformes d'aquillo que impõe a moral corrente, quando não até o simples direito commum.

Está visto que uma pessoa que seguisse por este rumo havia de necessariamente encontrar-se no caminho da Republica portugueza, á frente d'ella e acclamada por ella ; e eis o segredo do triumpho do snr. Affonso Costa.

Sob o governo provisorio, como sob os ministerios dos snrs. Chagas, Vasconcellos e Leite, a Republica nunca deixou de ser tumultuaria, brutal, effervescente, anarchica. Mas allegavam alguns que todo esse lapso — de mais de dois annos ! — era na realidade um periodo transitorio, incaracteristico, e que só o advento do primeiro ministerio partidario definiria a indole e a politica da Republica.

Chegou com effeito o momento em que o regimen tinha que escolher entre uma politica de taboleta conservadora e conciliadora, e uma politica francamente sectarista, atrabiliaria, violenta, revulsiva, demagogica ; politica de guerra a tudo e a todos, fóra da minuscula e desvairada conrobia affonsina ; politica tambem d'arranjos e latrocinios, symbolizada pelo snr. Affonso Costa na pasta das Finanças, pelo homem da impudente roubalheira d'Ambaca na pasta da Marinha. Então o regimen definiu-se, e foi cair — pesadamente !... — nos braços do snr. Affonso Costa.

Eis o que estava predeterminado pela logica da Historia ; eis onde eu encontro a coherencia da Republica, a fatal e terrivel segurança do seu caminhar, atravez e a despeito de todas as apparentes incertezas.

Tambem o hypnotisado hesita, vacilla, torneia — e comtudo lá vae ineluctavelmente aonde o ordena a força mysteriosa mas irremovivel que de longe o domina e o conduz.

A Republica, desde agora — e ainda para os ultimos Abencerragens da illusão d'uma Republica normal, viavel, adaptavel — é pois decidida e definitivamente um *governo demagogico*. Adoptou essa... *fórma politica* logo que teve que pronunciar-se n'um sentido abertamente partidario.

Mas quem diz *demagogia* diz turba-multa, diz desordem, diz massa inorganizada, desconnexa e ingovernavel. Na realidade nunca houve nem *regimens demagogicos* nem *governos demagogicos*. O que tem havido é, na historia d'alguns povos, *periodos demagogicos*, que não são mais do que ephemeras anomalias, collapsos breves, que infallivelmente acarretam a perda das instituições e dos homens que ligaram á demagogia a sua existencia e os seus destinos, symbolizando-a, condicionando-a ou substanciando-se n'ella.

A Republica é em Portugal a condição do demagogismo ; mais do que isso, identifica-se, confunde-se com o demagogismo.

Vae morrer com elle.



E os meus leitores não suppoem decerto que o snr. Affonso Costa, com a récua de *pilecas* que recrutou para puxarem com elle o carro do Estado, vae habilmente furto (diga-se sem segundo sentido) furto a Republica aos logicos e fulminantes destinos que lhe estão traçados.

O snr. Affonso Costa é *o mais incompetente* d'entre todos os incompetentes politicos do regimen ; e é tambem o mais desacreditado. Nenhum possui menos tino politico ; nenhum accumula em menos tempo mais dislates ; nenhum pratica tão estouvada e diligentemente maior numero de tolices irreparaveis, nenhum com tamanho fervor e afinco se entrega á tarefa d'asphyxiar a Republica, isolando-a do paiz, fazendo em torno d'ella o vácuo mortal.

Relanceiem os olhos pela historia da Republica e pela sua situação em Portugal ; recordem todas as medidas legislativas, todas as decisões parlamentares, todos os actos de governo, todos os factos e todas as palavras que teem mais particularmente indisposto e irritado a opinião, tanto no paiz como no estrangeiro, que teem atacado mais interesses legitimos e

offendido mais sentimentos respeitaveis, que teem creado ao regimen mais difficuldades, que teem concitado contra elle mais antipathias e mais odios : é tudo do snr. Affonso Costa — foi tudo feito, inspirado ou applaudido por elle.

Sem este discolo, a Republica tambem não faria coisa com coisa, nem se adaptaria melhor ao paiz ; mas a sua atmosphaera seria evidentemente menos annuviada, dentro e fóra das fronteiras. O snr. Affonso Costa é para nós o *homem representativo* e o argumento sempre á mão. É precioso.

Banindo-me de Portugal, a Republica privou-me d'uma fortuna, porque eu estava para montar ali uma grande empreza. Era uma especie de Companhia de Seguros, não contra o perigo d'incendio ou d'inundação, mas pura e simplesmente contra o *risco de coisa acertada*, que pudesse ser dita ou feita pelos governantes republicanos.

Como o nosso monarchico é em geral melancolico e pessimista, sempre propenso a recear que a Republica « d'esta vez se consolide » e « que este diabo agora dê alguma coisa », faço ideia que principalmente nas occasiões de queda de governo ou de recomposição ministerial me cairia no escriptorio a thalassada toda, a jogar na sapiencia e no exito dos novos dirigentes — e emfim, deitando de contas que mal por mal, ao menos não se perdesse o ensejo de fazer um rico negocio. E eu a atulhar o cofre...

Pois se n'este momento a minha empreza estivesse prosperando em Portugal, tanto quanto o merecia pela constancia dos republicanos na imbecilidade, eu com a subida do snr. Affonso Costa abaixava o premio ao minimo, e multiplicava por cinco o montante da indemnisação. Se entre os « estadistas » do regimen ha algum mais incapaz do que os outros de se aguentar no governo com uns vislumbres de juizo e de tacto, esse é o snr. Affonso Costa.

Querem uma nova prova, frisante e incisiva?

A inepecia politica do snr. Affonso Costa está es-

cripta e escarrada na organização do actual ministério.

Este homem é chamado ao poder no momento em que a situação internacional da Republica atravessa uma crise tremenda, mercê, sobretudo, da irritação produzida na opinião europeia pelo seu revolucionarismo de jacto continuo, pela feição « carbonaria » do regimen, pelo seu atrabiliario irrequietismo, pelo desassocego em que os excessos jacobinos mantem o paiz ha mais de dois annos, ininterruptamente ; e tambem pela impudica immoralidade administrativa dos governantes.

Este homem vê jornaes como o TEMPS — que pelas suas affinidades maçonicas e por outros motivos não menos impressionantes sempre foi favoravel á Republica — alarmarem-se com o estado de desordem permanente, creada em Portugal pela politica republicana ; vê a imprensa ingleza, pela voz dos seus órgãos mais respeitaveis e mais auctorisados, sustentar uma verdadeira campanha sobre as tropelias da Republica, sobre a indisciplina social que ella provocou e alimenta, sobre os desbragamentos e os escandalos da sua administração financeira — isto com uma tenacidade que dá que pensar, e em termos d'uma rudeza absolutamente excepcional no moderado jornalismo britannico.

Vá que o snr. Affonso Costa, representação e symbolo exactamente do jacobinismo mais destrambelhado, mais chinfrineiro e portanto mais mal-visto, não fizesse á Republica, n'esta conjunctura grave, o sacrificio de recusar o poder. Admittamos mesmo que teimasse em se apossar elle proprio da gerencia das Finanças, sem embargo das considerações que correntemente se fazem a respeito do seu nome, n'estas coisas de manejo de dinheiros : o chefe democratico espiava desde ha muito essa pasta para sobre ella exercer a sua actividade — e ninguem vae pedir á aranha que deixe fugir a mosca para não prejudicar a reputação dos arachnideos... Mas feitas estas importantes concessões á sua vaidade e aos seus mais

urgentes interesses materiaes, o snr. Affonso Costa — perante as indicadas e insistentes manifestações de mau-humor da opinião europeia — se possuisse uma restea de senso politico (ou commum) trataria evidentemente d'organisar um ministerio quanto possivel destituido d'uma accentuada significação jacobina ; um ministerio que, embora não lograsse attenuar a detestavel impressão causada no estrangeiro pelo acceso dos radicaes (e que radicaes!...) ao poder n'um paiz anarchisado, pelo menos não viesse aggravar essa impressão pelo seu character accintosa e retintamente demagogico.

Em vez d'isso o que faz o snr. Affonso Costa? Quando a Europa clama que os processos dissolventes da Republica são inadmissiveis por mais tempo, que o regimen não faz senão dominar pelo terror, deslaçar a disciplina, destruir as hierarchias, subverter a ordem social — este « homem d'Estado » atira-lhe á cara um governo em que o *chefe da carbonaria* é ministro do Fomento, em que o ministro do Interior é um apologista *official* da zaragata de rua, em que o *chefe dos Jovens-Turcos* é o ministro da Guerra, e em que o ministro da Justiça é um outro *Joven-Turquete* subalterno, da camarilha d'alferesoques e tenentesecos que teem collaborado com o coronel Barreto na tarefa consciante e propositada de perverter, indisciplinar e desorganisar o exercito !!

E como se isto fôsse pouco, no momento preciso em que a imprensa de todo o mundo verbéra a cynica immoralidade administrativa do regimen, o mesmo « estadista » colloca no governo um individuo, corrido d'um ministerio anterior no momento em que veiu a lume o ignobil *negocio d'Ambaca* — que está pendente e vae decerto agora ser *realisado*, com o seu beneficio de milhares de contos extorquidos á nação!...

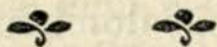
E é isto porque o snr. Affonso Costa não pudesse dar outra composição ao ministerio? De modo algum. Ministros como aquelles tinha quantos quizesse. Qualquer « independente » vale o snr. Silva ; qualquer dos videirinhos que o circumdam, tirado

á sorte, vale o snr. Castro ; — e qualquer vale mais que o snr. Freitas Ribeiro.

Escusam de procurar outra explicação : é a *vertigem da asneira* ; é a *vocação* ; é a fundamental incapacidade de vêr, prevêr ou presentir o que sejam conveniencias politicas ; é a fatalidade que o arrasta a fazer sempre o inverso do que o tino politico aconselha.

O paiz vae assistir, sob o governo do chefe demagogico, a uma girandola de disparates e de *tolices*, que d'aqui a pouco nem o snr. Affonso Costa sabe por onde entrou, nem por onde ha de sair.

Ficamos por elle — e tomem nota do dia...



E ao cabo de tudo, o mais curioso é que este ministerio chamado *partidario* não é senão um ministerio *concentrado* — mais ou menos como aquelles que o antecederam. A sua existencia é por igual precaria.

Isto é, o *gâchis* continúa ; alem de tudo e constituindo o fundo do quadro, a doença incuravel da Republica, a *impotencia*, a *impossibilidade de marchar*, mantem-se com a mesma acuidade, ou antes, segue os seus tramites para o mesmo logico e inevitavel desfecho.

Quer dizer : o regimen, se não succumbisse aos remedios do snr. Affonso Costa, acabaria, conforme estava escripto, d'inanidade. Como Sganarello, o snr. Affonso Costa e os seus collegas vieram *esperal-o na agonia*...

A Republica, se tivesse espirito, repetir-lhes-ia a celebre supplica derradeira de Samuel Garth, moribundo, aos sete medicos que lhe cercavam o leito : « Dear gentlemen, let me die a natural death ! » — *Meus caros senhores : deixem-me morrer de morte natural !...*

O santo Desde o principio me recusei a crêr
varão na sinceridade dos propositos e dos
pontos de vista annunciados e expostos pelo snr.
Arriaga na sua immortal missiva ao « presado amigo »
Leite ; e expliquei porquê. Mas sinceros ou não, elles
fôram escriptos, vieram a publico, definem e com-
promettem officialmente a opinião do Presidente da
Republica.

E não se trata de qualquer secundaria e anodyna
providencia ministerial. Para o snr. Manuel d'Arriaga,
« chefe do Estado », o immediato decretamento do
indulto dos bispos e da amnistia aos presos politicos
são duas medidas não só d'equidade e oportuna
clemencia, mas d'importancia primaria para o
progresso da Republica e para o cumprimento da
sua missão como « regimen nacional ». Pelo contrario
para o snr. Affonso Costa, segundo a opinião dos seus
canudos jornalisticos, tudo isso não passava d'*elo-
quente testemunho d'imbecilidade*.

Recebeu o snr. Arriaga a resposta do governo, re-
cusando-lhe aquillo que elle *propunha*, quando con-
stitucionalmente podia e devia *fazel-o decretar*. E o
governo *ficou* ; e o snr. Arriaga *ficou*. Mas cae o mi-
nisterio poucos dias depois, por motivos alheios a esta
questão ; fracassam as negociações do chefe politico que,
conforme as vistas presidenciaes, incluia no seu pro-
gramma a amnistia. Fracassam *exactamente por causa
d'isso*. E o snr. Arriaga, sem olhar para traz, chama o
snr. Affonso Costa... isto é, concede a sua *confiança
politica*, que é uma condição d'existencia dos gover-
nos, ao homem publico que n'uma questão funda-
mental da politica republicana pensa de maneira
diametralmente opposta ao snr. Arriaga ; ao homem
publico que faz d'esse modo de vêr uma das bases do
seu programma ministerial, e que, se poude organizar
governo e ir ao poder, *foi precisamente por querer
o contrario d'aquillo que quer o snr. Manuel d'Arriaga...*

E o snr. Arriaga fica ! Fica, com o seu prestigio
pessoal e politico arrastado pela lama ; fica, com o
labeu d'*imbecil*, que lhe mandou lançar o Presidente

do Conselho ; fica, a sustentar e a subscrever uma politica que a elle lhe parece cruel, iniqua, e nociva ás conveniencias da Republica ! Fica, para que com o seu assentimento se possa agora affirmar que a Republica *sempre é peor do que dizem !...*

O snr. Manuel d'Arriaga é um homem d'avanzados annos ; já chegou a um posto que a sua minguada capacidade, os seus nullos meritos politicos nunca lhe poderiam ter permittido sonhar que attingiria em tempo algum ; já sabe o que é ser *Presidente da Republica portugueza*, e sobretudo o que isso custa em desconsiderações e enxovalhos, de dentro e de fóra do paiz. Estão-lhe fechadas as portas da ambição de honrarias ou de proventos.

Mas tinha ainda entre-aberta a porta d'uma ultima aspiração : a de salvar o seu nome d'esta asquerosa enxurrada em que os outros vão rolando para um fundo absyso, onde só irá olhal-os um dia a justiça da Historia, chamada pelos clamores d'uma Patria em ruinas.

Entregasse ao snr. Affonso Costa, muito embora, a missão de formar gabinete, se essa era a indicação parlamentar ; mas constituído o ministerio, deixasse immediatamente a Presidencia da Republica.

O paiz, que na grande massa é sempre o mesmo sentimentalão, esqueceria depressa as inconveniencias que o snr. Arriaga tem proferido, a sua indeclinavel solidariedade nas violencias, nas torpezas e nos escandalos administrativos do regimen, até mesmo os seus ridiculos. E no estrangeiro, onde a situação atroz dos presos politicos portuguezes é uma questão que apaixonou, o gesto do snr. Arriaga teria uma repercussão mundial e eleva-lo-ia ás culminancias d'uma celebre e grande figura politica — a elle, triste advogado de policias correccionaes na rua do Crucifixo!...

Mas cada um é como Deus o fez, e ainda não se descobriu processo de dar largueza de vistas á toupeira, nem de fazer passar por aguia uma gallinha.

ANNIBAL SOARES.

